

**RAHEL  
SANZARA**

**A CRIANÇA  
QUE SE  
PERDEU**

Traduzido do original alemão por  
**Maria Ponce de Leão**



## I

Christian B. viveu na segunda metade do século passado como arrendatário na propriedade de Treuen, perto de L., no Norte da Alemanha. Era o filho mais novo de um próspero camponês, e nascera no distrito M. da mesma região, que ficava a poucos dias de viagem de Treuen, de onde cedo saíra.

Quando nascera, os seus dois irmãos já eram adultos e tinham herdado com o pai o bem de família. A mãe morrera cedo. Nunca a tinha conhecido.

O pai decidira que o filho mais novo deveria estudar, tornar-se padre ou professor. Então, Christian foi para a cidade vizinha aos dez anos e frequentou a escola. Era um óptimo aluno e aprendia facilmente. Era uma criança séria e tranquila, bondosa e humilde, e conquistava a amizade de todos. Nascera com o dom de um riso puro, acções boas, e lágrimas alegres. Nenhuma dor o atingiu, nenhuma amargura, nenhuma das desilusões que a vida reserva até mesmo a uma criança. A sua felicidade era única. Nunca teve saudades de casa, os tormentos da ambição não interferiam no seu zelo; a sua vida era tranquila, sem um objectivo. Era piedoso, educado na fé rígida da sua época, rezava com humildade, e confiava cegamente na bondade divina.

No entanto, aos catorze anos, passou a temer a escuridão. Era um medo estranho, sem uma razão plausível. Assaltou-o pela primeira vez uma noite, quando, ao sentir alegria por ver

a recuperação de um companheiro, que estivera longa e gravemente doente, ficou acordado diante da janela do dormitório. O coração batia-lhe com força. Ainda sentia o toque da mão do convalescente, que apertara a sua ternamente, mas com alegria. A emoção que esta memória lhe suscitou preparava no seu íntimo o grande sentimento do amor. O jovem suspeitava que não só os outros podiam ser seus amigos, mas que também poderia tornar-se amigo dos outros; compreendeu que, um dia, quando fosse homem, iria amar. Embora essa revelação tivesse surgido do mais íntimo do seu coração, despertou a felicidade no mais profundo do seu corpo. E a essa felicidade, sentida pela primeira vez, opôs-se subitamente o medo que nunca o tomara. A escuridão inspirava-lhe terror. Estava uma noite sem lua. Os outros dormiam ao seu redor; não os via; ouvia-lhes apenas a respiração. A escuridão também os rodeava, mas era menos densa do que aquela à sua volta. Sentia-a contra o seu corpo, tenso pela emoção, quase uma segunda pele que lhe impregnasse o sangue. Sentia-a como um poder maligno, ameaçador, brutal, que se apoderava do seu coração pleno de alegria, e o fazia estremecer com um terror abissal. Não podia escapar-se, nem pensar em Deus, que acedia benevolentemente a todas as suas preces. Ficou imóvel, preso ao medo, rendido à tristeza apavorada do seu coração. Ao romper do dia, tudo se tornou de novo alegre, simples e belo.

Quando o seu tempo de escolaridade chegou ao fim e estava perto do exame, o pai morreu. A notícia chegou de forma repentina e inesperada. Ele não entendeu toda a sua gravidade, e preparou a viagem de regresso à sua terra natal com um espanto surdo e doloroso.

Na noite anterior à partida, enquanto corria pela pequena cidade ao início do crepúsculo outonal, uma mulher passou rapidamente por ele, à luz de um candeeiro de rua. O seu rosto de um branco alvo emergiu da escuridão para o círculo de luz e roçou tão perto do seu, que sentiu a respiração da boca entreaberta num sorriso. Os olhos pretos, sob a farta cabeleira que lhe tombava sobre a testa, eram muito grandes e impudicos

e as trevas derramaram-se como vagas do seu olhar. Quando, depois de passar por esse rosto, ele se virou, viu uma mulher vestida de cinzento, de estatura média e formas levemente arredondadas, correndo pela rua ao anoitecer. Mas o seu olhar não o abandonou. À noite, antes de adormecer, na escuridão, sentiu novamente ao seu redor as profundas trevas que receava em criança.

Quando Christian chegou à sua terra natal na noite seguinte, o caixão já estava fechado; não voltou a ver o rosto do pai. O funeral realizou-se ao meio-dia do dia seguinte. Uma semana depois, a herança foi dividida de acordo com as disposições do testamento. O património consistia numa bela e grande propriedade rural, liberta de hipotecas, e sete mil *táleres*. Os filhos mais novos, Christian e a sua única irmã, Klara, herdaram o dinheiro, e os dois irmãos mais velhos, servindo-se do dote das mulheres, pagaram a pronto a pequena parte que restava aos dois mais novos, para que pudessem ficar como únicos proprietários.

Mas Christian não voltou para a cidade. Foi retido pelo solo paterno, o cheiro da terra, o vapor quente exalado pelos animais, a proximidade das pessoas que eram grandes, louras e tranquilas como ele.

Ficou junto dos irmãos. Deixou de lado os frutos dos seus anos de estudo, ocultou o saber, os conhecimentos adquiridos. Durante dois anos foi criado dos dois irmãos, desempenhando as tarefas mais difíceis a troco de salário e comida. Então, passados dois anos, no Outono, partiu e vagabundeou pela região. Quando depois de um mês regressou, aos vinte e dois anos, mal chegado à maioridade, assinou o contrato de arrendamento da propriedade de Treuen. Os irmãos desaprovaram. Embora a taxa de juro não fosse elevada, a propriedade, que fazia parte de vastos bens principescos situados na fronteira do país, ao longo de dez anos andara de arrendamento em arrendamento, e encontrava-se tão delapidada com material usado e solo desgastado que era difícil conseguir o arrendamento sem ter recursos próprios para a reparação e compra de gado e equipamentos. Mas Christian mudou-se para lá no Ano Novo. Os primeiros

tempos foram difíceis e exigiram, dia e noite, o empenho de toda a sua força de jovem. A propriedade estava em muito mau estado, mas prometia muito a um gestor que a valorizasse mediante sabedoria, espírito empreendedor e bastante prudência.

O jovem arrendatário deitou mãos à obra com uma alegria pródiga, com uma alegria mais focada no trabalho do que no lucro. Solicitou permissão para reconstruir estábulos e celeiros com os seus próprios recursos, para instalar oficinas de vários tipos nas divisões abandonadas, e obteve em troca o benefício, devido ao arrendamento, de poder cortar madeira para seu próprio uso. Com o que lhe restava do seu património, ergueu uma casa que logo foi considerada a mais bonita dos arredores. Aos vinte e sete anos, tinha pago as despesas e o arrendamento, possuía duas carruagens com dois belos cavalos de tracção e dava trabalho, pão, casa e paz a vinte e oito pessoas. Devido ao sucesso, a administração da propriedade prolongou o arrendamento para quinze anos e construiu-lhe uma casa nova, linda e espaçosa.

Christian vivia sozinho. Compartilhava as alegrias e as vitórias com os criados e as criadas; quanto às preocupações e problemas, era ele a assumi-las. Quando as maiores dificuldades foram superadas e as suas noites consagradas ao descanso, começou a ler os livros escolares, que só agora achava entender. Leu a Bíblia, e o mundo parecia-lhe justo e bem organizado sob as leis de Deus. Sentia-se feliz na vida que escolhera, no trabalho que lhe havia sido designado. Desejava cumprir ainda mais profundamente o simples e geral destino humano. No seu íntimo, pensava muitas vezes numa mulher e em filhos. Quando conhecia jovens, observava-as com profunda emoção. Eram figuras altas e robustas, de faces coradas, tingidas como o amanhecer; os cabelos assemelhavam-se aos campos em Agosto, na boa época da colheita, e a boca era fina e fechada inocentemente, como a dele. Tinham os olhos azuis como o sol ao meio-dia, baixos como os dele, quando lhes falava suave e ternamente. Mas sentia não poder amá-las, porque se lhe assemelhavam. Permaneceu sozinho. A sua ternura dedicava-se aos animais de estimação, e acariciava o pêlo do cão dedicado, o pêlo escuro e macio do

gato. A escuridão da noite que o envolvia rapidamente quando apagava a luz advertia-o de que o medo da infância lhe envolvia o coração e o mantinha solitário.

No início do Inverno, foi até a cidadezinha para fazer um acordo com o negociante de gado. No regresso entrou na pequena loja, onde, por encomenda da mulher que lhe cuidava da casa, devia fazer compras para a cozinha e petróleo para os candeeiros. Durante a tarde tinha nevado pela primeira vez, e, ao crepúsculo, a terra tristemente submersa voltou a adquirir um brilho branco e delicado.

Na loja, o candeeiro aceso, coberto com um grande *abat-jour* branco, pendia sobre o balcão, e iluminava a superfície de madeira com todos os seus potes e latas, deixando na sombra o resto da divisão, as prateleiras com as caixas, os frascos e os sacos. A loja estava vazia. Ante o chamamento de Christian, uma porta lateral abriu-se suavemente, uma silhueta deslizou para o círculo de luz do candeeiro, e quando Christian também se colocou à luz e se inclinou para ela, o rosto alvo de uma mulher brilhou de súbito tão perto do seu, que sentiu a respiração suave dos lábios vermelhos entreabertos num sorriso; baixou as pálpebras e deparou com grandes olhos negros e abertos. Até ao piscar destes olhos, o seu coração pareceu deixar de bater e o sangue e o tempo perderam-se no infinito. Em seguida, acordou e recuou um passo. Fitou-a. Era uma jovem que ele nunca tinha visto aqui, uma figura singular, pequena, mas sensual na sua fragilidade. Os cabelos eram negros e brilhantes, caindo-lhe sobre a testa branca. Reparou que as mãos pequenas e cheias lhe tremiam; agora baixara os olhos, mas os lábios entreabertos continuavam a sorrir. Entregou-lhe o pequeno papel em que a governanta escrevera as compras, e ela começou a atendê-lo. Os seus movimentos eram flexíveis, mas de uma delicada vivacidade, como se fossem feitos para dançar ou festejar. O rosto branco emergiu sorridente no círculo de luz do candeeiro e ainda brilhava quando voltou a inclinar-se no escuro da divisão. Não trocaram uma palavra. Quando tudo, pacotes e sacos, foi carregado na carruagem, e se ajudaram um

ao outro com uma estranha familiaridade, Christian afastou-se sem pensar em pagar, e a jovem não o deteve.

No caminho para casa, Christian sentiu-se tremer, assaltado pelo seu antigo temor da infância, mas o coração estava calmo, e a sua decisão era clara. O olhar profundo da jovem havia feito descer as trevas, mas ao medo juntava-se agora, com uma poderosa excitação, o desejo de felicidade, e o coração decidiu render-se ao medo e à felicidade em simultâneo. Voltou à cidade no dia seguinte e soube pelo merceiro que a jovem era órfã, uma forasteira, que o pároco tinha acolhido. Sem falar com ela, sem sequer vê-la novamente, Christian dirigiu-se ao pároco para pedir a mão da jovem. O pároco tentou aconselhá-lo, e dissuadi-lo de tal casamento. Ela era órfã, talvez possuísse um pequeno capital deixado pelo pai, mas ninguém, nem mesmo ele, a conhecia; e a mãe, «uma mulher perdida» da região, no momento da morte tinha-o designado como tutor. Mas Christian insistiu em casar com a forasteira, se ela quisesse. O pároco mandou chamar a jovem, que disse «sim» sem hesitar. No domingo seguinte, o casal ficou noivo na casa do pároco. Sem uma palavra, Christian enfiou no dedo da sua eleita a fina aliança de ouro que tinha segurado na mão; em seguida, tirou do bolso do casaco uma corrente de ouro, com uma cruz de marfim. Ela baixou a cabeça, sorrindo, e ele apressou-se a colocar-lhe a jóia em torno do pescoço. Então, ela pronunciou o seu nome em voz baixa: «Martha».

Ele respondeu «Christian» e estenderam a mão um ao outro. Os sinos tocaram, e dirigiram-se à igreja. Não falavam, mas o sorriso da noiva expressava uma felicidade infinita.

Depois do serviço religioso, ele conduziu-a na carruagem e mostrou-lhe a casa e a herdade. Ela inteirou-se de tudo, e a cada resposta franzia a testa com atenção, como fazem as crianças na escola. Fitou nos olhos os criados que a rodeavam e intimidou-os com a sua expressão orgulhosa, mas obedeceu totalmente a Christian desde o primeiro momento. Ele não suportava que ela voltasse para a pequena cidade, e levou-a nesse mesmo dia para casa da sua irmã, onde deveria ficar até ao casamento.

No crepúsculo de um dia de Inverno fez-se a viagem até à casa da irmã, que ficava a oito quilómetros da dele. O frio cortava a atmosfera. O sol deixara de brilhar e afundara-se na orla dos campos como no horizonte do mar. Uma estreita linha dourada ainda pairava entre o céu e a vasta planície da terra. O céu esfumava-se num cinzento ténue, apenas com um brilho fosco, mas a terra coberta de neve assemelhava-se a cristal.

Na sua rápida viagem através da planície, o vento áspero fugitava os rostos de Christian e de Martha, a sua noiva. Trémula de frio, ela aconchegou-se-lhe. As franjas brancas, levemente amarrotadas do seu lenço escuro e macio, feito de seda estrangeira, acariciavam-lhe as faces. Os seus braços, que seguravam as rédeas, estremeceram ante este contacto no seu peito, e, no ressalto, afloraram a carne macia do braço da jovem. Christian temeu a alegria que lhe percorreu o sangue; uma segunda vida despertou em si. Sentiu medo da volúpia que lhe invadiu o corpo, da tempestade do seu coração. Foi incapaz de conter as lágrimas que lhe vieram aos olhos, tal como não se atreveu a fitar ternamente a mulher ao seu lado, embora incitado pela felicidade. Afastou-se dela com um movimento imperceptível.

Também ela tinha sentido o seu contacto. As faces pálidas ruborizaram-se. Os olhos luminosos e dilatados vogaram para o céu, e dos lábios entreabertos soltou-se um leve riso, enquanto, sem temor, se abandonou ao doce estremecimento do seu corpo.

Quando chegaram à casa da irmã, a carruagem parou e Christian desceu. Com um gesto agressivo, como se se tratasse de um inimigo, rodeou pela cintura a companheira que se inclinava na sua direcção, tirou-a da carruagem, segurou-a na sua frente com os braços estendidos, muito tempo sem se mexer. Suspensa no ar, ela atirou a cabeça para trás, e riu, feliz, à gargalhada; ele viu dançar o seu pequeno pescoço branco sob o lenço aberto. Gentilmente, com toda a sua força, pousou-a no chão.

A sua irmã, Klara, veio ao encontro deles. Era muito parecida com o irmão de cara e figura, e a existência de Christian estava profundamente ligada à sua.

Aos treze anos de idade, servira-lhe de mãe e, apesar da sua juventude, adorava o irmão mais novo com um fervor apaixonado e maternal. Vigiará-o incansavelmente, passeará-o nos braços ainda frágeis até lhe doerem; zelara pelo seu sono e saúde e esquecera completamente as brincadeiras e pensamentos da sua juventude. A felicidade profunda e séria que lhe dava esse precoce sentimento materno, esses cuidados e a ternura da criança, tornaram-se a única grande expectativa que a ligava à vida. Cresceu e tornou-se uma bela jovem casadoura, alta e robusta. O cabelo claro como os campos de trigo maduros do seu país natal, a expressão de olhos límpidos e penetrantes era simultaneamente cheia de inocência e de conhecimento ante o que havia reconhecido como sua maior felicidade feminina. Escolheu um marido com o desejo consciente de ter filhos, dedicar-lhes amor maternal e receber ternura filial, de sentir de novo toda aquela alegria que o irmão lhe havia despertado, quando ela mesma era criança. Casou cedo com o proprietário de terras, o barão von G., ainda jovem, filho único, um homem mais alto e mais forte do que todos os outros, jovem, casto e piedoso como ela. Do seu amor, que ela aceitou com alegre devoção, exigia que lhe desse a felicidade mais profunda, única para ela.

Mas o casamento permaneceu estéril. Quando agora estava na frente do irmão, era uma mulher, nem jovem nem velha, com olhos melancólicos e severos, a boca de lábios finos rodeada por pequenas rugas de desespero. A sua bela silhueta parecia congelada pela tristeza de uma mãe sem filhos. Olhou para os dois que se mantinham na sua frente envoltos numa nuvem de juventude e de felicidade, e uma sombra de tristeza resignada e de emoção turvou-lhe os olhos demasiado claros. Christian pegou na mão de Martha e conduziu-a até junto da irmã.

— Sabes, ela não tem mãe — disse ele simplesmente.

— Mas terá filhos — replicou a irmã.

Olhou demoradamente o irmão; a lembrança do amor, da felicidade da infância despertou-lhe no peito. De súbito, rodeou-lhe o pescoço com os braços, num abraço pleno de

nostalgia. Em seguida, confusa como se tivesse despertado de novo, pegou na mão da noiva e conduziu-a para dentro de casa.

Numa misteriosa duplicidade de emoções, manteve Martha ao seu lado, ajudou-a na preparação do casamento, na aquisição do pequeno enxoval que a noiva poderia comprar com a sua pequena fortuna, deu-lhe a conhecer ricas e excelentes experiências de cozinha e lida da casa, discutiu com ela as delicadas questões do futuro, quase como se tudo fosse um sonho da sua própria felicidade, tudo cheio de alegria e de expectativa conjugal, com o desejo de ser de qualquer maneira útil e agradável ao irmão, ao noivo, ao futuro marido. Debateu com ele os cuidados e os desejos de uma noiva sagaz, que derramou em Martha, a verdadeira noiva, como num recipiente com vida.

No entanto, Martha não se apercebia de nada e vivia feliz, com uma alegria despreocupada. Christian e ela só se viam aos domingos e nunca sozinhos, mas tudo estava claro entre eles. Confiavam um no outro sem palavras e inundavam-se da mais profunda felicidade. Em Março, quando tudo ficou pronto, quando a bela casa de Treuen se encheu de utensílios domésticos e móveis, tecidos e cortinas e de todo o equipamento para uma futura dona de casa, realizou-se o casamento. Foi celebrado quase sem convidados, pois a noiva era estrangeira e o patrão só convidou os criados. Somente a irmã e o pároco conduziram a noiva para casa após o serviço religioso. Mas era uma noiva resplandecente de felicidade e de orgulho. Os olhos escuros brilhavam, a boca sorria e parecia flutuar.

O dia do casamento foi um domingo, e o gelo derretia-se. O jovem sol do ano brilhava avidamente com uma luz forte e ardente e o vento primaveril perseguia as nuvens leves e transparentes no céu azul. A terra negra, gotejando gelo e neve derretida, estalava sob o crescimento das sementes escondidas. A noite chegou cedo, a festa foi curta. Klara tinha ido embora, e o marido e a mulher ficaram sozinhos. A jovem, como se estivesse em sintonia com a natureza primaveril, plena de alegria de viver, numa antecipação feliz, subiu impaciente a escada e entrou no quarto de dormir. Ardiam velas por todo o lado.

Era uma bela e ampla divisão, um quadrado perfeito, com paredes pintadas em cores claras e cortinas leves, brancas, finamente dobradas na frente das janelas. A mobília nova cheirava a madeira e a cola. Ao lado da janela, projectando-se do centro da parede, as duas camas nupciais recém-construídas estavam unidas de modo a formarem uma só. Eram feitas de madeira clara e dispostas com almofadas forradas de um linho branco deslumbrante, com cobertores e lençóis. Na parede junto à porta havia dois grandes armários feitos da mesma madeira, um baú aos pés das camas, e tudo, camas, armários e baú, apresentava-se pintado de florzinhas rosas.

A jovem olhou à sua volta; depois, baixou-se e abriu o baú. Estava vazio. A jovem sorriu. Apanhou os cabelos escuros e luzidios, tirou a coroa e o véu com facilidade e rapidez e colocou-os no fundo do baú. Abriu o vestido de seda preta, tirou-o, dobrou-o cuidadosamente, colocou-o junto à coroa e ao véu e fechou o baú. Enfiou o vestido cinzento simples que já usava quando trabalhava na loja, colocou por cima um dos novos aventais, apagou as velas e desceu para a cozinha.

A cozinha era vastíssima; em largura ocupava metade e, em profundidade, toda a casa. Durante o dia, a luz entrava por duas janelas amplas. Ao fundo encontrava-se um grande fogão. Prateleiras altas com panelas e utensílios brilhantes revestiam a parede de trás, enquanto na frente das janelas do lado do pátio, que formava a frente da casa, uma mesa longa com quatro metros de comprimento, bem polida, estava rodeada de bancos e pesadas cadeiras de madeira, onde todos, patrões e criados, faziam as refeições em conjunto. Uma porta estreita ao fundo conduzia, ao longo de um estreito corredor de pedra, à despensa, onde ficavam os sacos de farinha, divididos em farinha de forragem, farinha de pão e farinha fina, carne fumada, embrulhada em saquinhos de linho branco, pendurados do tecto, e ovos e frutas espalhados sobre a palha. Um alçapão a meio do soalho conduzia, através de uma escada, à leitaria que ficava por baixo. Lá estavam baldes com leite fresco, leite fermentado, leite batido e cheio de natas agridoces, e camadas de manteiga em

tigelas de barro. Tudo estava bem organizado. A jovem viu isto com agrado e, sem hesitar, tomou posse dela como se fosse um presente que lhe tivessem oferecido.

Pediu à governanta as chaves e o livro de contabilidade. Mediu com ela as porções que seriam necessárias na manhã seguinte para alimentar o gado e preparar o pequeno-almoço. Supervisionou duas jovens criadas que limpavam a louça do banquete da boda e anotou a quantidade e onde era arrumada. Nada parecia estranho ou novo para ela. Uma parte dos criados ainda se encontrava à mesa em festiva indolência sob o brilho da lamparina pendurada no tecto. As mulheres mantinham-se imóveis com as mãos no colo; os homens apoiavam pesadamente os braços sobre a mesa. Todos fitavam a jovem com uma expressão séria. Ela passou por eles sorrindo, saiu da cozinha e foi para a sala esperar o homem que tinha ido ajudar a fechar os estábulos por causa do vento forte.

A sala de estar ficava em frente à cozinha, separada dela pelo corredor. Continha a mobília de Christian, o seu armário com livros, a escrivaninha alta de carvalho polido, um sofá, mesa e cadeiras. Era a sala em que ele havia trabalhado e vivido as suas horas solitárias. Um candeeiro aceso pendurado no tecto, com um *abat-jour* branco, emitia uma luz suave que iluminava a cobertura de um vermelho vivo da escrevaninha. Na parede estava um relógio. Ouvia-se o tiquetaque do pêndulo que oscilava amplamente. O aroma do banquete flutuava no ar.

A jovem sentou-se no sofá à espera. A luz do candeeiro reflectia o brilho dos cabelos pretos. No rosto branco, os lábios, entreabertos, esboçavam um sorriso; repousava no colo as mãos levemente entrelaçadas. Ouvia o vento primaveril soprar com força em redor da casa e a pesada chuva da primavera atingir violentamente os vidros das janelas, e, ao longe, o ruído de passos perto dos estábulos. Ouvia os criados a sair aos poucos da cozinha e atravessando o pátio para entrar nas suas instalações, o tiquetaque do relógio na parede e, finalmente, com o coração na garganta, entre a chuva e o vento, os passos do marido que regressava a casa. Sorriu e esperou.

Finalmente, ele entrou. Parou à porta e olhou para ela. O rosto branco brilhava à luz suave do candeeiro, mas apesar da ternura ela rodeou-o com a vasta escuridão dos seus olhos, as trevas que ele receava. Mas, finalmente, ele viu-a sorrir. Pela primeira vez, chamou-a pelo nome.

— Martha — disse, baixinho.

— Christian — respondeu ela.

— Desejo-te boas-vindas.

— Seremos felizes — disse ela, e levantou-se.

Christian aproximou-se e pegou-lhe na mão. A mulher pegou na dele, ergueu-a e apertou-a com força contra o seu seio virginal. Sorriu ao ver que ele baixara o olhar, e com a mão livre puxou o candeeiro na sua direcção e apagou-o. No escuro, abandonaram a sala de mãos dadas, subiram as escadas e entraram no quarto. No escuro, despiram-se, invisíveis, ocultos um para o outro, pelas trevas de uma noite sem estrelas.

O homem estava perto da janela. Com o coração palpitante, sentia a escuridão da infância, uma escuridão mais profunda e negra à sua volta do que em todo o resto do mundo; um poder que o aprisionava, o mantinha imóvel como um morto neste instante pleno de vida e de alegria, que o sacudia com um medo abissal, agora, no momento da realização da sua felicidade que ele próprio escolhera tão alegremente. Não conseguia mexer-se para se aproximar da mulher amada que lhe pertenceria pela primeira vez. Tal como em criança, via-se retido, constrangido pelo medo e pela terrível tristeza do seu coração.

Mas a mulher foi ter com ele. Mais luminosa do que a escuridão circundante, ela rompeu as trevas. De repente, estava parada na frente dele e a respiração quente e pura saía-lhe dos lábios; o brilho dos grandes olhos abertos e húmidos de vida surgiu sob as pálpebras descidas. Soltou uma risada, rodeou-o com os braços e puxou-o para a cama com ela. Mas quando ele sentiu a doçura do beijo e dos seus lábios e uma profunda atracção jamais vivida, agarrou-a com força pelos ombros, manteve-a longe de si e durante longo tempo perscrutou na obscuridade a

noite dos seus olhos até que, por fim, ante uma oferta tão terna, tomou-a nos braços.

O seu casamento foi abençoado e viveram uma longa série de anos felizes. Christian era um bom patrão, um trabalhador capaz e diligente, cheio de cuidados para aquela que se lhe confiara. Sabia dar ordens e também premiar, era honesto no lucro, que sempre permaneceu apenas a justa recompensa do bom trabalho. A mulher comparava-se-lhe em diligência e obediência. As ordens dele eram sagradas. De dia, ele era o patrão a quem ela devia obediência; nunca ousava, transbordante de felicidade, soltar uma risada, esboçar um gesto de ternura. Mas à noite, envolta na escuridão, libertava o riso do peito, aconchegava-se a ele e abraçava-o como a uma criança.

No Inverno, ela deu à luz o primeiro filho. A criança era frágil, e a mãe, debilitada pelo primeiro parto, não podia alimentá-lo. Então Emma chegou à casa para amamentar a criança.

Emma era uma criada da propriedade. Tinha dezanove anos, era alta, forte e bonita. Pesadas tranças de cabelos claros emolduravam-lhe o rosto macio e fresco, em que brilhava um olhar límpido e puro, que uma leve expressão de tristeza e dor reprimida tornava ainda mais suave. Todo o seu corpo, de seios bem desenhados e ancas fartas, emanava um misto de pura castidade e o profundo sentimento da maternidade. Inocência e maternidade eram a missão da sua vida. Na verdade, o seu coração feito para amar ainda não tinha sido tocado pelo amor nem o seu corpo pelo desejo, quando se tornara mãe mediante um abraço brutal e forçado. Sem dúvida que agora ria de felicidade ao ver a cabecinha do filho encostada ao seio fecundo. Mas durante penosas semanas, durante noites de insónia, e nos dias em que fugia ao cansaço do trabalho, devia ter evocado o pequeno rosto ante a sua alma destruída, a fim de afastar aquela visão terrível, cuja recordação ameaçava sufocar-lhe o coração de vergonha, horror e um desespero insuperável; a recordação do momento em que, quando ela se curvara desprevenidamente no canto de um celeiro, para pegar num fardo de feno,

tinha sido subitamente agarrada por uma mão férrea e atirada ao chão; um punho fechara-lhe a boca aberta, sufocando-lhe os gritos; e joelhos duros haviam-lhe imobilizado o corpo no chão; e diante dos seus olhos surgira o rosto inexplicavelmente vermelho, inexplicavelmente excitado de um homem que, com a mão direita, desnudara o corpo assustado. Ela preferira fechar os olhos, suportar a dor e a ferida que recebera sem entender, do que aguentar esta visão. Afundada em horror, desespero e dor, manteve-se deitada durante muito tempo, embora o homem já se tivesse afastado; apenas o ruído de novos passos a tinha aterrorizado. Levantara-se e fugira.

A patroa, que nessa altura ficara surpreendida ao ver a sua criada preferida tão perturbada, não tardara a descobrir o motivo da sua tristeza. O homem, um trabalhador à jorna, foi chamado e mostrou-se disposto a casar com a violada. Mas a criada revoltou-se, horrorizada, e implorou à patroa que a mantivesse na propriedade. Então, o homem começou a assediá-la, tomado por um sentimento subitamente despertado, mas Emma repeliu-o, fugia quando se encontrava na sua presença, e nunca mais o viu a sós. Quando a sua gravidez se tornou visível, a patroa insistiu no casamento, que se realizou em segredo.

Mas a criada continuou a suplicar que a mantivessem na casa, onde aguardou o nascimento da criança. Permaneceu longe do marido, evitando até mesmo a sua visão repugnante. Durante a espera, a patroa ajudou-a a costurar o pequeno enxoval e ficou ao seu lado no parto. Com uma felicidade e uma profunda satisfação, a jovem mãe sentiu a dor do parto refazer o percurso através do qual conhecera a dor da violação, e a presença do filho, crescendo e desfazendo todo o horror. Foram-lhe devolvidas a paz de alma e a pureza do corpo.

Alguns dias depois, quando o marido desapareceu da propriedade sem dar notícia ou sinal, ela não quis que o procurassem. Recomeçou a viver em paz, dedicada ao amor pelo filho e à felicidade que ele lhe proporcionava. A triste recordação dissipou-se quando se mudou para Treuen, a sua nova casa, de onde não mais sairia.